

NÚCLEO ESPÍRITA FRANCISCO DE ASSIS

TEXTO PARA O SEMINÁRIO 2025

Caridade, síntese divina

Por Sinval Barretto

“Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, pois esta é a Lei e os Profetas.” – Jesus (Mateus, 7:12)

Difícil conceber alguém que seja todo justiça e todo amor ao mesmo tempo. Afinal, a justiça é sempre severa e o amor é sempre brando. A justiça pune, o amor perdoa. A justiça é implacável e o amor é indulgente. Como, então, conciliar estas duas forças tão opostas, em uma só lei?

Na terceira parte do Livro dos Espíritos, intitulada *Leis Morais*, Kardec nos apresenta, no capítulo XI, a ideia de uma síntese destas duas forças aparentemente antagônicas: *Lei de Justiça, Amor e Caridade*. Trata-se de uma *lei moral* única, que contempla estes três aspectos a um só tempo.

No hebraico, a palavra para caridade é *tzedaka*, derivada de *tzedek*, cujo significado mais preciso é “justiça” ou “retidão”. No entendimento judaico, ajudar os necessitados é um ato de justiça e não apenas um gesto de bondade. A *tzedaka* é um dos pilares fundamentais do judaísmo, e está profundamente enraizada nos ensinamentos da Torá e no pensamento dos grandes sábios. Diferente da concepção ocidental de caridade, que a entende como um ato de bondade ou generosidade, a *tzedaka* é vista como uma obrigação moral e espiritual, uma expressão de justiça social, que reflete a essência da relação entre o indivíduo, a comunidade e Deus. Não é apenas um ato de dar, mas um princípio que busca a justiça, a dignidade humana e o bem-estar social, transformando tanto quem recebe quanto quem doa.

Não se trata, pois, da justiça humana como a entendemos: um tribunal exterior que regula apenas as relações sociais, onde o indivíduo precisa ser conduzido fisicamente, e onde nem sempre o direito, ali instituído pelo próprio ser humano, é conforme a verdadeira Justiça. Trata-se, sim, do tribunal íntimo da consciência, onde o sentimento de justiça foi posto por Deus em cada coração, e onde o critério da verdadeira Justiça está em cada um querer para os outros aquilo que desejaria para si mesmo. Diante deste tribunal, não há como escamotear de nós mesmos as nossas intenções!

É da Justiça Divina que cada imperfeição gere automaticamente um sofrimento para o Espírito. Kardec afirma que o “sofrimento é inerente à imperfeição” e que “toda imperfeição, e toda falta que dela decorre, trazem seu próprio castigo nas suas consequências naturais e inevitáveis, como a doença decorre dos excessos, o tédio da ociosidade, sem que haja necessidade de uma condenação especial para cada falta e cada indivíduo”¹. Logo, não precisa de ninguém para julgá-lo. Ele sente naturalmente a consequência, que é o sofrimento por cultivar a imperfeição. Ele é envolvido por um sofrimento, que pode ser íntimo, ou nas suas relações, ou na comunidade onde vive, por causa da imperfeição que cultiva. Para cada imperfeição existe uma dor, um sofrimento específico correspondente.

Mas, onde está o amor e a caridade?

A *Cabala Judaica* apresenta-nos uma representação da Árvore da Vida (*sefira*), estruturada em três colunas. A coluna da esquerda é o pilar da severidade (*guevura*): justiça, disciplina, restrição, reverência. A coluna da direita é o pilar da misericórdia (*chessed*): amor, bondade, benevolência; eis o porquê a frase do Jesus: “*não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita*”²; e a coluna central (*tiferet*) é o pilar do equilíbrio, da síntese entre a severidade e a misericórdia: é a compaixão.

Esta representação nos ajuda a compreender melhor a unidade da *Lei de Justiça, Amor e Caridade*, proposta por Kardec. A caridade, movida pela compaixão, é a coluna central que reúne e equilibra a severidade da justiça e a brandura do amor. Por isso, “*fora da caridade, não há salvação*”³, não há perfeição.

Assim, Deus, causa primária de todas as coisas, eterno, imutável, único e onipotente, é, ao mesmo tempo, soberanamente justo e bom. Parafraseando Emmanuel, “*Deus é amor. Amor que se expande do átomo aos astros. Mas é justiça também. Justiça que atribui a cada Espírito segundo a própria escolha. Sendo amor, concede à consciência transviada tantas experiências quantas deseje a fim de retificar-se. Sendo justiça, ignora quaisquer privilégios que lhe queiram impor. Não afirmes, desse modo, que Deus bajula ou condena. A vida, assim, aqui ou além, será sempre o que nós quisermos.*”⁴

1. KARDEC. **O Céu e o Inferno**, cap. VII, item 33.
2. MATEUS, 6:3
3. KARDEC. **O Evangelho segundo o Espiritismo**, cap. XV
4. XAVIER. **Justiça Divina**, Cap. 51